

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

# INFORMATIVO POPULAR

## LATINO AMERICANO

— I.E.E. - PUCSP —

# 3

AGO/SET-80



### Paraguai

## ATENTADO MATA SOMOZA



ÚLTIMO MOMENTO: O ex-presidente da Nicarágua, Anastásio Somoza Debayle (Tachito), foi morto numa emboscada na quarta feira 17 de setembro, no centro de Asunción, capital do Paraguai, onde vivia exilado desde 18 de agosto de 1979, após escapar do seu país quando da revolução popular dirigida pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Segundo informações publicadas em vários meios de imprensa, 6 indivíduos mascarados participaram da emboscada, atirando com metralhadoras, pistolas e com uma ba zuca, destruindo quase que por completo o carro onde ia Somoza. A polícia e o exército paraguaio têm mobilizado mais de 15 mil homens na busca dos autores do atentado. Mais de 200 pessoas já foram detidas e estão sendo interrogadas (Ver informação na pág. 14)

2

### BOLÍVIA

O GOLPE  
DE  
GARCIA  
MEZA



### Sumário:

GOLPE MILITAR NA BOLÍVIA 2 \* EL SALVADOR: ORIGEM E NATUREZA DO ATUAL CONFLITO 6 \* GUATEMALA 7 \* HAITI: A DINASTIA DO TERROR 8 \* COLOMBIA: DEFENDER OS DIREITOS HUMANOS 8 \* BRASIL: ESTATUTO DE ESTRANGEIROS 9 \* PARAGUAI: ÍNDIOS 10 \* BRASIL: ÍNDIOS 11 \* BRASIL: PROBLEMA DE TERRAS 13 \* PARAGUAI: A MORTE DE SOMOZA 14

## BREVE RELATO DOS FATOS

Novembro de 1979: Golpe de Natusch Busch contra o governo de Walter Guevara Arce. Resistência cívica e isolamento internacional do novo regime. Quinhentos mortos e milhares de feridos. Negocia-se a subida ao poder de Lúcia Gueiler como presidente. O preço: o general García Meza e o coronel Luis Arce, ativos elementos do golpe de Natusch, ficam como comandante do exército e chefe da inteligência, respectivamente.

Janeiro de 1980: Multiplicam-se as atividades políticas com vistas às eleições marcadas para 29 de junho. Começam os atentados com bombas e provocações de grupos da extrema direita, perante a crescente força da UDP. Mais tarde publica-se uma "lista negra" de 300 nomes de ativistas e líderes políticos que devem ser eliminados.

22 de Março: O sacerdote e jornalista Luis Espinal, diretor do jornal AQUI, é torturado e assassinado por um grupo paramilitar (ver IPLA nº1). Unem-se todos os setores democráticos para repudiar o fato de maneira unânime, e decide-se integrar o Comitê Nacional de Defesa da Democracia (CONADE), liderado pela COB (Central Operária Boliviana). O CONADE denuncia a intenção de "argentinização" do processo político boliviano, e decide o seguinte: "Contra o golpe, greve e bloqueio geral das estradas".

14 de Junho: O comando das Forças Armadas depois de haver pedido o adiamento das eleições, e ante a decidida oposição de Lúcia Gueiler, promete respeitar o processo eleitoral. García Meza declara: "Nós, os militares, respeitamos a lei".

19 de Junho: Os atentados continuam. Uma bomba explode num restaurante a 500 metros do Palácio do Governo e duas pessoas morrem. Os grupos paramilitares realizam todos os esforços possíveis para precipitar o golpe.

O embaixador dos Estados Unidos em La Paz, Marvin Weissman, denuncia a preparação de um golpe. Os militares pedem a Lúcia Gueiler que ele seja declarado "persona non grata" na Bolívia, e ela se nega a cumprir esta exigência. Em Santa Cruz, um grupo de ultradireita - a "Falange Socialista" - numa grande ação militar ocupa a Prefeitura,

quatro estações de rádio e ataca o Consulado dos Estados Unidos. Operários e estudantes unem-se para rechaçar-los a pedradas e um estudante morre. Os atos de provocação e enfrentamentos nas ruas tornam-se mais frequentes e produzem-se novas mortes.

20 de Junho: Banzer explica que se "o caos e a anarquia se generalizam", as Forças Armadas terão que intervir para restabelecer a ordem.

26 de Junho: Durante uma manifestação de mais de 20 mil militantes da UDP em La Paz, elementos de grupos paramilitares jogam uma granada contra o carro onde estavam Siles Zuazo e Jaime Paz Zamora, companheiro de chapa de Siles. Quatro pessoas morrem e 48 ficam feridas, entre elas Paz Zamora. Siles Zuazo escapa ileso.

27 de Junho: O semanário AQUI denuncia a presença de instrutores militares do Exército Argentino. Fontes diplomáticas afirmam que o governo argentino "emprestou" 50 milhões de dólares para García Meza "resistir" a um possível isolamento posterior ao golpe.

28 de Junho: Lúcia Gueiler declara que confia em que as Forças Armadas respeitarão a promessa de não interferir no processo eleitoral.

29 de Junho: Num clima de grande tensão realizam-se as eleições.

3 de Julho: García Meza declara que as Forças Armadas contam com o apoio de todos os países sul-americanos para impedir que a extrema esquerda assumo o controle do país. "Afeta a todos - diz - entre eles ao Brasil".

6 de Julho: Frente a insistentes rumores sobre um golpe, Siles Zuazo descarta a possibilidade: "haverá um verdadeiro entendimento entre a esquerda e as Forças Armadas".

7 de Julho: A Corte Nacional Eleitoral da Bolívia publica os resultados finais das eleições: vitória incontestável de Siles Zuazo. A nomeação do presidente fica a cargo do novo Congresso. Estabelecem-se as bases para um acordo entre a UDP, a Aliança do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) de Paz Estensoro e o Partido Socialista Uno (PSU) de Marcelo Quiroga Santacruz. A nomeação de Siles Zuazo

zo presidente é iminente. Banzer, da Aliança Democrática Nacionalista (ADN), de clara que ele seria o eleito pelo Congresso.

11 de Julho: Valter Pires, ministro do Exército brasileiro, declarou numa conferência na Escola Superior de Guerra do Brasil, que "dificilmente o Exército brasileiro aceitaria a possibilidade de que os governos da Bolívia, Guiana e Suriname chegassem a estar na órbita socialista" (versão desmentida posteriormente).

14 de Julho: A família do general Garcia Meza viaja para o Peru.

16 de Julho: Garcia Meza faz uma rápida viagem a cidade de Trinidad, onde está asentada uma divisão do exército.

17 de Julho: Rebelião militar em Trinidad - pela madrugada. De manhã reúne-se o CONADE na sede da COB (em La Paz) para repelir o início do golpe. Utilizando ambulâncias grupos para-militares sob o comando de um famoso traficante de cocaína, Fernando Monroy, assaltam a COB, prendendo vários membros do CONADE. Gualberto Vega, líder mineiro, é assassinado ali mesmo. Marcelo Quiroga é baleado e levado ao quartel de Miraflores, sede do Comando do Exército em La Paz. O Palácio do Governo é tomado de assalto enquanto se realiza uma reunião de caráter urgente da presidente com todo o gabinete ministerial. São todos presos. Começa o movimento de resistência e as prisões e execuções sumárias de dirigentes sindicais. As rádios mineiras começam um insistente chamado à resistência civil, sobretudo a das minas Siglo XX, Catavi e Huanuni.

20 de Julho: A COB decreta uma greve geral que começa bem, mas que perde força rapidamente. Prossegue a luta e várias rádios são destruídas pelo exército.

22 de Julho: Kurt Waldheim, secretário geral da ONU faz um apelo para que o exército ponha um ponto final nas execuções sumárias. Os jornalistas são perseguidos, ameaçados, presos e expulsos. A greve geral perde ímpetu. Lechín, principal dirigente da COB - preso no dia 17, é levado à TV junto com o novo Ministro do Interior, coronel Luis Arce, para pedir o fim da resistência, "inútil derramamento de sangue". Chovem denúncias sobre o assassinato de mulheres e crianças, especialmente nos bairros operários de La Paz e nas zonas mineiras. O exército também dis

para contra membros da Cruz Vermelha Internacional, dificultando o trabalho de auxílio. O bloqueio das estradas feito pelos camponeses é derrubado em vários lugares pelo exército. Mas, ainda se mantém o bloqueio da estrada Potosí-Cochabamba-La Paz. Em La Paz a luta continua de maneira muito desigual: as forças populares levantam barricadas precárias e contra elas investem os tanques do exército.

25 de Julho: O Conselho Permanente da OEA condena o golpe na Bolívia, acolhendo a uma proposta do Pacto Andino (Peru, Venezuela, Colombia, Equador). A proposta foi aprovada por 16 votos, tendo votado contra ela a Bolívia, o Chile e o Paraguai. O Brasil, a Argentina, a Guatemala e o Uruguai se abstêm na votação.

A resistência nas minas torna-se insustentável devido ao isolamento em que o exército as mantém. Os mineiros fazem então um acordo elementar de preservação de forças com o Exército: depor a resistência armada em troca do respeito a todas as conquistas sindicais anteriores.

Intensificam-se os programas de rádio e televisão de produção argentina, os mesmos que foram usados depois do triunfo militar sobre a guerrilha naquele país, com slogans sobre a "paz" e a "reconstituição nacional".

28 de Julho: O regime argentino reconhece "indiretamente" ao boliviano, fórmula diplomática inexistente que supõe de facto o reconhecimento formal. Imediatamente o Paraguai também formaliza o seu reconhecimento.

29 de Julho: Os Estados Unidos suspendem a viagem do sub-secretário para Assuntos Hemisféricos do Departamento de Estado à Argentina, desaprovando o apoio descarado do regime argentino ao golpe boliviano. Enquanto isso, o membro do Ministério de Relações Exteriores da União Soviética, Yuri Fokin, viaja à Argentina para sondar as possibilidades de cooperação da URSS com a Bolívia, via Argentina.

30 de Julho: Depuração no exército. São destituídos o Comandante da 7ª Divisão do Exército em Cochabamba, cel. Mário Vargas Salinas, e os comandantes do Primeiro e Segundo Exército de La Paz e Santa Cruz, respectivamente, generais Juan Solís Castanon e Hugo Echeverría.

31 de Julho: O jornal "Washington Post", dos Estados Unidos denuncia o estreito relacionamento dos generais bolivianos com o tráfico de cocaína. A depuração do Exército obedecerá a problemas de "divisão do bolo"

0 Brasil reconhece o regime boliviano. Se guem-se o reconhecimento de Formosa, África do Sul, Israel e Egito.

2 de Agosto: Uruguai reconhece o regime boliviano. Bolívia rompe relações com a Nicarágua, acusando-a de intrometer-se em seus assuntos internos.

3 de Agosto: O Cardeal Jorge Manrique denuncia em La Paz as atrocidades da repressão.

4 de Agosto: Jornalistas presos denunciam que foram interrogados por militares argentinos. Por outro lado, os mineiros encontram nas regiões ocupadas pelo exército rações de guerra e munições fabricadas pela Argentina.

5 de Agosto: Siles Zuazo, na clandestinidade, proclama a formação de um governo constitucional e Paz Zamora, no exterior, começa um intenso trabalho para obter o reconhecimento internacional do governo clandestino.

6 de Agosto: Videla declara-se totalmente identificado com o golpe dos militares bolivianos ●

### ASSIM PENSAM OS MILITARES BOLIVIANOS

"Este é um governo de reconstrução nacional, que não tem prazos fixos. Neste sentido sou como o general Pinochet: fica rei 20 anos no poder. As novas gerações receberão um país livre do câncer marxista" (García Meza)

"Na Bolívia existe um extremismo disfarçado de democracia. No que discordamos neste momento, assim como discordam os países vizinhos, é em que assumo um governo de extrema esquerda que poderia influenciar também a vida de outras nações, principalmente da América do Sul, inclusive o Brasil. As Forças Armadas não podem permitir que se manipule o voto popular" (García Meza)

"Eu entendo democracia não como libertinagem. O que necessitamos em nosso país é uma democracia especial, dirigida, por que nosso povo é ainda muito jovem e subdesenvolvido. E preciso dar-lhe orientação especial para que possa chegar à democracia que se pretende instalar neste momento" (García Meza)

"As forças armadas salvaram a nação do perigo de destruição iminente" (G. Meza)

"Esta revolução não foi um massacre, mas sim um movimento que teve por objetivo unir aos bolivianos" (García Meza)

"O governo dos Estados Unidos traiu os princípios do Ocidente e da cristiandade" (García Meza)

"O golpe era necessário para resgatar o país da desordem, da anarquia e da aventura" (García Meza)

"Meu governo será dos camponeses e para os camponeses. Nós, as Forças Armadas e os camponeses somos a verdadeira vanguarda da luta pela libertação social, política e econômica da Bolívia" (G. Meza)

Parágrafo de uma carta do Cardeal Manrique adulterada pelo governo boliviano (essa técnica já foi experimentada também pela Igreja brasileira pela ocasião da visita do Papa):

"Lamentavelmente, o marxismo-leninismo havia corrompido tanto nossa condição de cidadãos e, sobretudo a nossa Igreja Católica, que as Forças Armadas viram-se na obrigação de ter que estabelecer a ansiada ordem social e, junto com ela, voltar aos tradicionais princípios filosóficos cristãos"...



O Coronel Arce pediu aos líderes da resistência, desistir da luta contra o novo governo "Para evitar que seus familiares sofram as consequências das medidas que as autoridades adotarão para garantir a tranquilidade do povo"

"Nós concordamos com a parte séria da Igreja, a tradicional, com a que nos identificamos pela sua posição na sociedade" (General Hugo Banzer) ●

Fontes: O Estado de S. Paulo/Folha de S. Paulo/Isto E

## A COMPLEXIDADE DO GOLPE MILITAR BOLIVIANO

Ainda é muito cedo para pretender compreender totalmente o significado e as razões do golpe. Existem coisas óbvias, como por exemplo, que os militares bolivianos estão metidos no tráfico de cocaína. Este não é um fenômeno novo ou raro em um país latino-americano. Agora, como se explica a condenação do Pacto Andino (Peru, Equador, Colômbia e Venezuela), enquanto que militares argentinos, apoiados por militares peruanos, sequestram e assassinam militantes "montoneros" em Lima (Peru)? Ou quando se denuncia que o regime argentino enviou para o Equador material bélico destinado a armar 3.000 elementos para-militares? (1). Ou quando se sabe que na Colômbia está em vigor o mesmo "estado de guerra" que na Argentina? Como se explica também o apoio do governo brasileiro ao desprestigiado regime boliviano? E os novos e fortes laços estabelecidos ultimamente com o também desprestigiado governo argentino, enquanto se esforça para vender no mercado internacional a "abertura brasileira"?

Como se explica também que os Estados Unidos se esforçam para parecerem estar condenando a Videla enquanto importantes missões econômicas e militares estão visitando Buenos Aires? E que depois de haver participado na derrubada de Allende no Chile, agora defendem com indignação o "processo democrático boliviano"?

Como se pode entender também o papel da União Soviética, que deu uma injeção de ar à ditadura de Videla, aumentando seu espaço econômico e político, e que agora se dispõe a fazer a mesma coisa com a Bolívia?

Este é um quebra-cabeças que está se armando e muitas peças ainda não encaixam. Mas por meio destas interrogações é que devem buscar-se respostas aos "porquês" de um golpe que causou surpresa, ainda que todo o mundo o dava por fato consumado, a tal ponto que vários diplomatas já vinham desde antes enchendo suas dispen-

sas de provisões.

### PROBLEMAS INTERNACIONAIS

Existe, sem dúvida alguma, uma recomposição geral dos esquemas da economia capitalista ocidental. Na América Latina o Brasil joga um papel fundamental como centro industrial, e os outros países se integram com produção agropecuária, insumos e energia, dentro do Cone Sul. É neste sentido que aponta o estreitamento de relações com a Argentina, cuja produção histórica principal - se assim se pode chamar - é a sua ultra desenvolvida "tecnologia" de contra-insurreição. Este pacto poderia ser considerado perfeito, contando sobretudo com o gás e o mineral boliviano. Por isso a ameaça não era a possibilidade de que a UDP de Siles Zuazo conquistasse o poder, mas sim o perigo que representava o movimento popular, que com crescente experiência e combatividade, vinha empurrando para a frente a UDP. Não se pode esquecer, por exemplo, que Marcelo Quiroga Santacruz era uma espécie de "inimigo histórico" da entrega do gás boliviano.

### PROBLEMAS INTERNOS

O "banzerismo" ou também a "aliança militar-camponesa" que apregoa Garcia Meza está esgotado como alternativa de freio do movimento popular. O descrédito em que caiu a Reforma Agrária, que não foi nem reforma nem agrária, está privando a burguesia atrelada ao mercado internacional de importantes setores camponeses que lhe davam seu apoio para conter as forças populares, especialmente ao proletariado agrupado na COB. E as massas trabalhadoras têm um argumento indiscutível: condições de vida desastrosas. Vinte e quatro por cento da renda nacional é para 60% da população mais pobre, enquanto que 59% da renda é para os 20% mais ricos. Noventa e sete por cento da população rural não tem água potável e a porcentagem de analfabetismo é enorme: 37%. A expectativa de

vida é de 48 anos mais ou menos.

O temor dos vizinhos não é infundado: Bolívia é o único país sul-americano que protagonizou uma revolução popular (em 1952, quando o exército e a polícia foram dissolvidos pela insurreição. A classe operária, sobretudo os mineiros, tem uma tradição de luta que vem de várias gerações.

Todo este potencial acumulado poderia, sem dúvidas, ultrapassar o programa de governo da UDP. O golpe era a única solução.

### PERSPECTIVAS

Sem embargo, o golpe não é uma solução séria. Esmagou uma débil resistência armada (se é que se pode chamar de armas às pedras e ao primitivo e escasso armamento que os grupos de resistência usaram contra um exército moderno), mas rapidamente os mineiros negociaram sua própria preservação sem perder as conquistas anteriores.

Um novo e inesperado elemento veio com - plicar mais as coisas: a proclamação do governo constitucional (na clandestinidade), que se bem não tem força para defi-

nir a situação, colabora ativamente no isolamento político dos militares. (2)

Apesar do "golpe à moda Argentina" ou também "banho de sangue" no dizer de Videla, apesar de mais de 3.000 mortos, da perda de importantes e lúcidas lideranças políticas, aparentemente não foi que brada a espinha dorsal do movimento popular. Dizem que as cópias sempre saem piores que o original, e parece que realmente a cópia boliviana - com assistência técnica argentina e tudo, não deu o resultado esperado. Basta observar o grande retrocesso das conquistas sindicais que sofreu a classe operária argentina em pouco tempo (o que não acontece na Bolívia).

Ainda é muito prematuro para se aventurar conclusões. O golpe não acabou. A resistência adaptou-se às novas condições rapidamente. Ainda estão vivas as palavras de Marcelo Quiroga: "Nós não acreditamos nessas eleições, mas as apoiamos porque o povo sim acredita..." ●

(1) Revista equatoriana "NUEVA" nº 64 - abril/80

(2) Hernán Siles Zuazo é o Presidente e Jaime Paz Zamora o Vice, do governo na clandestinidade.

### EL SALVADOR

#### ORIGEM E NATUREZA DO ATUAL CONFLITO

A revista KO'EYU (zurora, alvorada, no idioma guarani), vem mais uma vez nos proporcionar excelente material sobre a América Latina e dela extraímos uma breve síntese sobre a origem do conflito em que se debate hoje El Salvador.

Transcrevemos também deste nº 9 de KO'EYU trechos da última entrevista que Dom Oscar Romero lhes deu com exclusividade.

"El Salvador viveu - diz a revista - um processo de insurreição popular no ano 1932, produto das condições de vida miseráveis, das consequências críticas da recessão econômica de 1930, das promessas não cumpridas de reforma agrária e da repressão sistemática. Daí saiu um governo de cafeicultores e da oligarquia (a insurreição popular foi derrotada. NdeR), que aliado e incondicionalmente dependente do imperialismo, multiplicou a exploração dos operários, camponeses e pequenos proprietários derrotados. Articulou-se assim um modelo de dominação políti-

ca apoiado basicamente na repressão e como produto da repressão popular dos fins da década de 60 se deu um verniz com eleições fraudulentas, experimentadas pelo povo. Nessas condições criou-se de parte da oposição ao regime duas formas de enfrentar a situação": uma agrupou os partidos que foram tolerados pelo regime, a outra ganhou impulso na década de 70 por organizações nascentes que procuravam romper este jogo institucionalizado.

"...Situat a Junta Salvadorenha como árbitro da luta, é tentar que a opinião pública internacional acredite que ela 'caiu do céu' para impedir uma luta terrível. O tempo se encarregou de comprovar o que disseram os próprios salvadorenhos: a Junta nasceu de uma conspiração em Washington com a aprovação do ditador de turno. Seu propósito: fazer que tudo mude para que tudo continue como está. A prova disso: a execução, permitida, de D. Oscar Romero, a matança começada desde o Palácio Nacional pelo exército (segundo os próprios bispos assistentes) no momento do funeral; as matanças de camponeses para impor pela força a "reforma agrária".

A ÚLTIMA ENTREVISTA DE D. ROMERO

P.: A seu juízo, qual é a causa da violência em El Salvador?

D. Romero: A causa de todo nosso sofrimento é a oligarquia, esse reduzido núcleo de famílias ao qual não importa que o povo passe fome, mas sim que necessite da mesma para dispor de mão de obra barata e abundante para colher e exportar suas colheitas... As indústrias, nacionais e estrangeiras, baseiam sua competição no mercado internacional nos salários de fome e isto explica a oposição cerrada a qualquer tipo de reformas ou de organizações gremiais que buscam melhorar as condições de vida dos setores populares... a absolutização da riqueza e da propriedade traz consigo a absolutização do poder político, econômico e social, sem o qual não é possível manter os privilégios, ainda que seja à custa da própria dignidade humana. Em nosso país, esta é a raiz da violência repressora e é, em última instância, a causa principal de nosso subdesenvolvimento econômico, político e social... As Forças Armadas são encarregadas de zelar pelos interesses da oligarquia, de guiar a estrutura econômica e política com o pretexto de que é pelo interesse e segurança nacional.

P.: Na sua opinião, qual o papel da Igreja no processo de libertação do povo salvadorenho?

D. Romero: Antes de tudo, que seja Igreja, quer dizer, identidade e autenticidade, para enfrentar um ambiente de mentira e ausência de sinceridade, onde a mesma verdade está escravizada pelos interesses da riqueza e do poder... É neces-

sário chamar à injustiça pelo seu nome, servir à verdade... Denunciar a exploração do homem pelo homem, a discriminação, a violência inflingida ao homem contra seu povo, seu espírito, sua consciência e contra suas convicções... Promover a libertação integral do homem... Urgir transformações estruturais, acompanhar ao povo que luta pela sua libertação... É um dever de uma Igreja autêntica sua inserção entre os pobres, com aqueles que deve solidarizar-se até em seus riscos e em seu destino de perseguição, disposta a dar o máximo testemunho de amor por defender e promover aqueles a quem Jesus amou com preferência...

P.: Durante minha viagem pelo país -fala o jornalista- recolhi a impressão de que em El Salvador existe uma guerra civil que e cada vez mais impiedosa e sem quarter. Qual é a sua opinião a respeito?

D. Romero: A situação me alarma, mas a luta da oligarquia para defender o indefensável não tem perspectiva, e menos ainda considerando o espírito de combate de nosso povo. Inclusive pode-se registrar um triunfo efêmero das forças ao serviço da oligarquia, mas a voz da justiça de nosso povo voltará a ser escutada e, mais cedo do que se pensa, vencerá. A nova sociedade vem, e vem com pressa... A paz dos cemitérios é consequência, ou melhor: se deve a que nos túmulos só há mortos. E esta paz não a pode obter a oligarquia frente a um povo como o salvadorenho.

Fonte: Revista KO'EYU Latinoamericano (nº 9 -maio/junho/80 pags. 3 a 12)

GUATEMALA

América Central, hoje mais que nunca, é um mosaico de países onde coexistem luzes e sombras. Guatemala está entre os países mais sombrios. Num próximo número dedicaremos um artigo às lutas heróicas que este povo vem travando. Agora queremos somente incluir esta breve nota para solidarizarmos de maneira muito especial

com dois dos alvos preferidos por esta violência implantada desde o governo: são os jornalistas e todos os membros que compõem a comunidade educativa em geral e a universitária em especial. A violência contra estes alvos não é casual: é a imprensa quem consegue veicular ao mundo os horrores que sofre o povo guatemalteco e são os educadores quem não se contentam com a condenação e a denúncia e procuram e propõem novos caminhos.

## HAITI

### DUVALIER: A DINASTIA DO TERROR

#### HAITI

População: 5 milhões

Economia: Agricultura e turismo

Línguas: Francês e Créole (fala do pela maioria)

Analfabetismo: 90%



François Duvalier (o pai), foi eleito para o governo do Haiti em 1957, transformando-se em presidente vitalício em 1964, sempre auxiliado por uma das mais repressivas polícias políticas de que se tem notícia: os "tonton macoute". Esse primeiro Governo do Terror no Haiti durou até 1971, quando faleceu Duvalier, sendo imediatamente substituído por seu filho (e seguidor das mesmas práticas de tortura) Jean-Claude Duvalier, o Baby-Doc.

A economia do país continua controlada pelos capitais americano, francês e canadense, que dividem entre si os frutos do turismo, da terra e das minas de cobre e bauxita.

Em 1978 a Anistia Internacional declarou possuir provas de que 300 presos políticos haviam sido mortos pela tortura desde 1971. As Nações Unidas classificaram o Haiti como o país mais pobre de todo o continente americano, onde a mortalidade infantil chega aos 110 por 1000 habitantes, existe um só médico para cada 30 mil pessoas, e apenas 14% da população bebe água potável. A situação econômica do Haiti é tão drástica que economistas deram-lhe o inusitado título de "Quarto Mundo".

Pressionados por toda sorte de fatores, mais de um milhão de haitianos deixaram seu país e vivem hoje espalhados pela América, principalmente na República Dominicana, em Cuba e nas Bahamas. Dados recentes informam que 80% da mão-de-obra da construção civil e do corte da cana-de-açúcar dominicanos, é haitiana. Além dos fatores econômicos, acrescenta-se que a Dinastia dos Duvalier assas sinou 30 mil opositores, além dos milhares que estão nos cárceres.

As prisões políticas do Haiti, segundo relatos de uns poucos que delas conse-

guiram escapar, oferecem as mais inumanas condições, como prova de que o segundo Governo do Terror de Jean-Claude Duvalier júnior, iguala-se ao de seu pai e antecessor.

#### DEPOIMENTO DE UM HAITIANO

"Existe em Fort Dimanche (nome de uma das prisões do Haiti) todo tipo de doenças. As mais corriqueiras são a tuberculose, a avitaminose, a diarreia e os males do estômago. Para aliviar as dores destas últimas tomávamos uns goles de urina. Essas condições, já tão inumanas, pioraram ainda mais nos últimos dois anos, enquanto o governo fazia alarde de uma pretensa campanha de liberalização. Quarenta e quatro presos morreram em 1974; 56 em 1975; 96 em 1976 e mais de 100 em 1977...

Morrer é coisa comum na prisão de Fort Dimanche. Às vezes ficávamos horas inteiras nas celas, ao lado dos cadáveres, até que viessem recolhe-los e jogá-los aos cachorros.

Aqueles que não morriam, iam, pouco a pouco perdendo suas faculdades mentais, pois as torturas eram destinadas à despersonalização. Entre 1976 e 1977 teve mais de vinte execuções sumárias, sem qualquer tipo de processo judicial.

Fui libertado nos fins de 1977, sem que nenhuma acusação fosse formalizada contra mim e sem que eu tivesse visto um advogado ou um juiz sequer"●

Depoimento de Marc Antoine Marsan  
(Revista KO'EYU Latinoamericano - nº8 - fev/mar/80 - Caracas, Venezuela)

#### COLOMBIA

#### DEFENDER OS DIREITOS HUMANOS

A condenação e denúncia da tortura que governos militares e algumas democracias de fachada vêm praticando em nome da Doutrina de Segurança Nacional na América Latina, constituem sem dúvida, uma primeira (e por certo eficaz e ao mesmo tempo arriscada) etapa da luta em que se lançaram pessoas e instituições, em defesa dos Direitos Humanos. As denúncias devem continuar sistematicamente, mas é preciso avançar muito mais.

A entrevista que o presidente da Comis -

são colombiana de Direitos Humanos, Sr. Alfredo Vázquez Carrisoza, deu em 17 de março de 1980 em Bogotá a um repórter da revista equatoriana NARIZ DEL DIABLO esta nesta linha:

"Prender arbitrariamente e torturar prisioneiros políticos -disse Vázquez- é tentar contra os direitos humanos, mas também o é não respeitar o direito à educação, à saúde e ao trabalho, que juntamente com a liberdade de expressão e organização, constituem os requisitos elementais para uma existência digna, humana." Desta entrevista extraímos alguns parágrafos que reproduzimos textualmente:

Referindo-se às formulações teóricas e existentes sobre os direitos humanos, Vázquez considera que não se deve gastar mais esforços em reformulá-las, mas em "pronunciamentos sobre situações concretas, como são em Colômbia a dos presos políticos, a dos mendigos no sul do país, ou a dos sem-documentos (refere-se aos colombianos que vivem na Venezuela na ilegalidade, sem documentos)".

O surgimento das Comissões de Direitos Humanos, é visto por ele como um fato novo e positivo. Antes as uniões de qualquer tipo de comissão obedeciam a motivos e -leitorais, sem idéias precisas, quando ha

via idéias... Agora o que conta é a idéia concreta que leva à aglutinação como aconteceu na Colômbia em 1979 ao aplicar-se o chamado "Estatuto de Segurança". "O Comitê de Defesa dos Direitos Humanos foi o instrumento que serviu para alertar o país sobre a grave situação que se estava colocando, e eu acredito que se o estatuto de segurança não assumiu proporções maiores na repressão foi certamente porque a opinião pública foi alertada, e o governo não pôde então chegar aos extremos em que se chegou nos países do Cone Sul".

A entrevista termina, e Vázquez é taxativo nas suas conclusões sobre a necessidade de de uma ação democrática renovadora e eficiente onde as centrais sindicais deverão jogar um papel importante. Não acredita nem admite os movimentos violentos entanto "nesse combate entre a guerrilha urbana e as forças armadas na América Latina, sempre saíram vencedoras as forças armadas e atrasou consideravelmente, por décadas e décadas, o que é a verdadeira organização social e econômica do povo camponês e operário... eu acredito que o aventureirismo guerrilheiro é profundamente perturbador..."

Fonte: "Nariz del Diablo" -maio/junho/80 pág. 33 a 38

### AOS LEITORES

O IPLA tem o objetivo de veicular informações sobre movimentos sociais, principalmente a quem têm menos possibilidades de recebê-las. Suas fontes são jornais, revistas de todo tipo e publicações especializadas de todo o continente. A intenção do IPLA não é tanto publicar o que outros não silenciado ou manipulado -o que, é claro,

não esta excluído- senão reunir notícias e fazê-las chegar a pessoas carentes de informação, sobre tudo se trata de gente que milita em movimentos sociais. O IPLA acredita que os camponeses brasileiros -por exemplo- devem conhecer tudo o que seja possível, do que acontece no resto do continente com os seus irmãos, e vice-versa

### BRASIL: Ainda o Estatuto de Estrangeiros

Temos o triste dever de informar no que resultou o projeto do novo Estatuto de Estrangeiros que estava sendo discutido recentemente no Congresso Nacional (ver IPLA nº 2).

Como já havíamos dito no número anterior, tínhamos quase que certeza que a aprovação do Estatuto se daria através do "decorso de prazo", e não nos enganamos. Apesar de todos os partidos de oposição e

setores representativos da sociedade, como a Igreja, através da CNBB e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), terem publicamente se colocado contra o projeto, o mesmo foi aprovado em 5 de agosto por "falta de quórum" (os deputados do PDS não compareceram ao plenário) o que possibilitou o decurso de prazo.

A situação com isso tornou-se ainda mais delicada e tensa, pois só de Cone Sul vivem atualmente de forma irregular mais ou menos 200.000 exilados latino-americanos.

Esta situação, já nos parecia, estava sendo detectada também por parte do governo, que havia dito através de um porta-voz que a nova lei não seria colocada em prática, até que não fosse apresentado um novo projeto modificando em parte o estatuto aprovado.

Várias propostas estão sendo feitas por vários setores da sociedade; uma das soluções foi apresentada pelo Cardeal Arns de São Paulo: a de promulgar-se uma anis-

tia para os exilados que aqui se encontram de forma irregular, proposta que encontrou eco em Brasília.

Devido à aprovação do iníquo projeto proposto e aprovado pelo "governo da abertura", os partidos de oposição - PMDB, PP, PT, PDT, apresentaram em 11 de setembro na Câmara Federal uma nova proposta relativa à Lei dos Estrangeiros, proposta essa que respeita os Direitos da Pessoa Humana.

## PARAGUAIA / ÍNDIOS

### GUAYAKIS: Liberdade ou Morte

Os Guayakis, que se autodenominam Axês, são os índios do Paraguai que mais rechaçam o contato com os brancos. A raça Axê, chamada "civilização do mel", por ser este seu principal alimento, acha-se distribuída em sete zonas da região Oriental e não chega, atualmente, a 400 pessoas. Outrora caçados pelos próprios guaranis, são agora, os índios mais visados pela "civilização" branca. Grupo nômade e coletor, despreza a agricultura e tem na caça seu tema central, o cerne do seu universo. Acreditam que os animais e as árvores da floresta sejam, de certo modo, os ancestrais do homem e, quando o homem não deixa de ser caçador, ao morrer, parte de sua alma volta a ser animal e árvore. Acreditam na unidade entre o homem e a selva, sendo a caça o principal vínculo. A mulher merece profundo respeito. Deve comer da carne que lhe traz o caçador e deixar-se engravidar por quem lhe traga mais, pois este é sinal do verdadeiro amor. As necessidades da caça limitam o número das tribos ao máximo de sessenta pessoas. Esta belecem um rodízio periódico nos campos de caça, para manter o equilíbrio biológico. O chefe merece tradicional respeito, por ser o elemento de coesão do grupo.

Para os "civilizados", os Axês são bichos, animais predadores que convêm matar, em defesa das plantações e das fazendas. Sempre recusando qualquer contato com os brancos, eles vêm sendo sistematicamente caçados e feitos escravos. O extermínio deles recrudescer após a abertura das rodovias que interligam Assunção a Porto Presidente Stroessner e Coronel Oviedo a Saltos del Guairá (Para-

guai). Essas rodovias cortaram seus territórios e inundaram a região de catados de palmito, de plantadores de chá e erva mate, de exploradores da madeira, que arrasam as florestas e destroem o mel, elementos imprescindíveis na vida dos Axês. Daí a ira desses índios contra os invasores, e daí as várias mortes de brancos que tem acontecido.

Organizaram-se, então, expedições para caçá-los, escravizá-los ou matá-los, sob a criminosa aquiescência do próprio Ministério da Defesa do Paraguai. Cada índio aprisionado ou morto vale 300 a 500 guaranis (uns 3 a 5 dólares - 150 a 250 cruzeiros mais ou menos). Várias colônias agrícolas se constituíram, e ainda subsistem, com escravos Axês. As bárbaras caçadas levam como guias os axês amansados. O axê capturado considera-se a si próprio como um homem morto, como um não-humano, que jamais irá recuperar um lugar entre os vivos. Por isso, odeia o axê livre, com a mesma força com que o admira. E se torna feroz perseguidor de seu próprio irmão.

Não são pela dureza dos trabalhos a que são submetidos, como também pelo contágio de doenças infecciosas, contra as quais o organismo do índio não ofereceria nenhuma resistência alguma, as colônias de Axês foram sofrendo numerosas baixas, tanto assim que, somente em 1972, a nação guayaki perdeu mais índios do que nos dez anos anteriores. Isso provocou veemente denúncia por parte do antropólogo Mark Mlnzel, que alertou o mundo para o genocídio da raça. Inútil dizer que, por essa razão, Mark Mlnzel foi expulso do Paraguai.

Apesar da resolução exarada pelo Ministério do Interior paraguaio, que proíbe o sequestro dos Axês, e apesar da circular do Supremo Tribunal da Justiça do Para-

guai, declarando que os índios são seres humanos como todos os outros, até hoje nenhum branco foi preso ou condenado por sequestro ou morte de índio, embora milhares deles tenham sido mortos e muitos ainda vivam na condição de escravos.

A única esperança dos poucos Axés sobreviventes é embrenhar-se no âmago das florestas que ainda restam, último reduto

da caça, do mel, dos deuses e de um desesperado amor à liberdade. Quando a última floresta tombar, tombará mais uma civilização, destruída pela selvagem sede do lucro.

(Resumido do artigo "Guayakis, Jaguares a la caceria de hombres", na revista KÓ'EYU Latinoamericano nº 9 -maio/junho/80 págs. 43 e ss.).

### BRASIL / ÍNDIOS SILÊNCIOS E LUTAS



Atualmente a imprensa falada (TV principalmente) e escrita (os jornais normalmente considerados "sérios") vêm divulgando as mortes que estão acontecendo nas áreas em litígio com os índios.

Porém, a imprensa veicula (a "grande" imprensa) estes fatos quando já não têm outra saída: desta vez as mortes foram várias e não dava mais para escondê-las. Para o próximo número apresentaremos um artigo dedicado a estas lutas.

Neste IPLA nº 3 apresentamos alguns exemplos de movimentação e articulação indígenas numa época não muito passada (3 ou 4 meses atrás) e as quais ficaram abafadas pelas celebrações oficiais da "Semana do Índio" (abril deste ano).

É importante ressaltar que o conhecimento dos pequenos avanços e recuos é necessário para a compreensão das "explosões" de resistência indígena. A luta dos xavantes, por exemplo, demarcando suas terras contra os fazendeiros e as forças policiais do governo, não surge do nada. Teve seus momentos de preparo, de tentativas frustradas e de organização. O mesmo acontece com os outros grupos indígenas e é por isso que oferecemos hoje, de diversas tribos, os momentos de denúncia, de sofrimento e de libertação.

### APURINÃS: A terra é nossa

A fins de 1979 começa a surgir a disputa com os colonos. Segundo o cacique Manoel Apurinã os índios decidiram reivindicar 80.000 hectares porque era "habitat" tradicional da tribo.

Até a metade de março de 1980 continua crescendo o conflito. Os colonos reivindicam agora as terras dos índios e invadem a delegacia do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) da cidade de Boca do Acre. Na ocasião, o sertanista Apoena Meirelles toma o partido dos colonos. O fato serve para revoltar mais os índios, que começam a armar-se.

O cacique disse que a comissão nomeada para investigar os fatos "só tem gente safada e nós não vamos sair da terra, nem que todos os índios morram".

Em abril é formada uma nova comissão, com representantes do Conselho de Segurança Nacional e antropólogos da FUNAI, que foi enviada à cidade para tentar resolver o problema.

### GUAJAJARA: Somos oprimidos

Adriano Carvalho, durante a celebração da "Semana do Índio" em São Luis, declarou que "a polícia federal já foi à aldeia Borges duas vezes e nas duas vezes nos humilharam como animais. Peço a Deus que não voltem, pois se voltarem, não retornam. Vão morrer, mesmo que a gente morra junto com eles".

Adriano pertence a esta tribo. É monitor bilingüe da FUNAI. Falou também da determinação destes índios, que vivem espalhados por vários municípios (Barra do Garça, Grajaú e Amarante do Maranhão).

Ele pensa levar um relatório das violências ao delegado regional da FUNAI.

Entre outras denúncias está a de que, em março, numa operação anti-tóxico, obrigaram duas índias a ficarem nuas pa

se excitassem e fotografá-las. Obrigaram um velho índio a dizer onde tinham maco-nha (utilizada nos rituais da tribo). A-tiraram em direção a cinco mulheres ín-dias com metralhadoras. Por último, nes-sa operação da polícia torturaram com fa-cão, torniquete e pau o lavrador Antonio Albino, que ficou às portas da morte.

Por outro lado, os fazendeiros são outra fonte de perseguição, e um dos instrumen-tos que usam é a arataka (armadilha de ferro de caçar animais selvagens).

#### KAIAPÓ: Não somos palhaços

Trinta índios de várias tribos foram o-brigados a construir duas malocas e rea-lizarem atividades típicas indígenas no bosque Rodrigues Alves (em Belem). Esta exibição fez parte do programa da FUNAI para a comemoração da "Semana do Índio", para brancos curiosos e não muito respei-tosos com os costumes tribais.

O índio Tapiet, da tribo Kaiapó, mostrou-se contrário à exibição do índio para público de brancos: "estes terminam rin-do dos índios, humilhando-os"

#### KRIKATI: Presente de grego

O Conselho Indigenista Missionário, na reunião da Comissão Nacional em Brasília, denuncia que a reserva pertencente a esta tribo (a 18 km. de Montes Altos -MA) está completamente invadida por fazendas, chegando a menos de 3 k. da aldeia dos Krikati.

Conforme a exposição dos missionários que atuam junto aos índios, há 17 fazendas dentro da área de terras que deve ser de-marcada.

Nessas condições, os índios não podem nem plantar para sobreviver.

Pese a sua situação, e como ironia do des-tino, receberam um caminho de presente, da Companhia Hidrelétrica do São Francis-co (CHESF), mesmo que não tenham condi-ções de sustentar os gastos de óleo e gasolina.

#### QUIRIRIS: Ameaças de morte

Dois índios desta tribo denunciaram que o cacique, Lázaro Gonçalves de Souza, foi ameaçado de morte por oferecer resistên-cia à invasão de suas terras. Esta inva-são era comandada pelo fazendeiro Pedro Souza.

Também foi ameaçado o chefe do Posto da FUNAI em Mirandela, Gilvan Rocha, "por não ter interferido no conflito em favor do fazendeiro".

Conforme a denúncia, as ameaças partiram do próprio prefeito de Ribeira do Pombal. A situação da tribo é de intranquilidade, já que além das ameaças, estão proibidos de praticar o "toré" e outros rituais. Isso gera insegurança e dispersão na tribo.

O cacique Lázaro foi a Brasília tentar conseguir a demarcação das terras. Os dois quiriris, em Salvador, lembraramain-da a morte do cacique Angelo Xavier, dos Pancarés, assassinado em 1979, uma sema-na depois de ter pedido garantia de vida à Secretaria de Segurança, que não levou a sério as ameaças.

#### WASSU: Nova tribo, velhos problemas

A FUNAI anunciou em Maceió a existência de uma nova tribo. Os chamados índios do WASSU têm um aldeamento de 425 pessoas, provavelmente descendentes dos Caetés.

A nova tribo já vem com problemas: loca-lizada à margem da BR-101, os índios (de pele escura e nariz achatado) já perde-ram quase toda sua terra para os grilei-ros e agora estão trabalhando para eles e para os fazendeiros.

O contato para a descoberta foi iniciado pelo professor Clóvis Antunes e o Movi-mento de Educação de Base levantou toda a situação da tribo.

#### YANOMANI: O genocídio continua

Para evitar "o genocídio do povo Yanoma-ni, que se seguirá inevitavelmente à fal-ta de proteção", a Comissão Pró-Índio de São Paulo e a Comissão pela Criação do Parque Yanomani, encabeçaram carta abe-rta ao ministro Mário Andreazza, solici-tando "a criação urgente do Parque Yano-mani, nos moldes do recente projeto da FUNAI, em área de extensão suficiente e contínua".

O novo projeto de criação deste parque en-contra-se desde o mês de abril na Secreta-ria Geral do Ministério do Interior, e ainda deverá ser encaminhado, depois de estudos, à Secretaria do Conselho de Se-gurança Nacional.

Fontes: Folha de S.P. (1, 16, 19 e 26 de abril; 20 de maio)  
O Estado de S.P. (18 e 24/abril)

## BRASIL

## NOTÍCIAS SOBRE QUESTÕES AGRÁRIAS

## 1- CHESF ACUSADA DE INVADIR LAVOURA

Representantes da Comissão Pastoral da Terra da Diocese de Juazeiro, no Norte da Bahia (ver no mapa), e dos sindicatos de Trabalhadores Rurais da região denunciaram em Salvador, que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) tentou, por duas vezes, invadir roças de 200 famílias de lavradores do município pernambucano de Petrolândia, na área da barragem de Itaparica.

De acordo com a denúncia, máquinas e tratores do DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem) entraram em suas terras, mas os lavradores conseguiram convencer os tratoristas a suspender os trabalhos, enquanto eles procuravam a CHESF para cobrar as indenizações e a definição de uma outra área para recolocação das famílias. Eles afirmam que sem o atendimento a essas duas condições não abandonarão as roças, e lembram que o problema vem desde o ano passado, quando elaboraram um documento pedindo indenização com base no estatuto da terra.

Fonte: O Estado de São Paulo

## 2- DENÚNCIA DE POSSEIROS EM MATO GROSSO

Posseiros de Ribeirão Bonito e Cascalheira, cidades ao norte de Mato Grosso (ver região no mapa), denunciaram a perseguição que lhes move um fazendeiro, o qual estaria aliciando autoridades policiais para expulsá-los dali.

Enquanto semanas atrás, D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, falava na existência de um exército de jagunços mantido por fazendeiros, para afastar famílias de posseiros da região, o boletim "ALVORADA" daquela prelazia, trazia um extenso relato em que afirmava: "Chegou em Ribeirão/Cascalheira o major Zuzi Alves, chefe de todos os delegados de Polícia do Estado de Mato Grosso. Ele trouxe uma carta do general Golberri do Couto e Silva, lã de Brasília, dando ordem para investigar o conflito desta nossa região".

Em Cuiabá, afirmou-se que "a manipulação oficial da informação não permite que o país tome conhecimento desse mar de so-

frimento, de miséria, de dor e de injustiça, que amarga os dias dos nossos irmãos do campo, nesta região do país, onde está correndo o sangue, numa luta desesperada por um pedaço de chão que possa dar a essa gente o sustento a que tem direito".

Fonte: Folha de São Paulo

## 3- DENUNCIADA TORTURA DE LAVRADORES NO ACRE

O deputado federal Aloísio Bezerra denunciou em Rio Branco que quatro trabalhadores rurais do município de Assis Brasil, no Acre -acusados de terem participado do assassinio do fazendeiro Nilo Oliveira- foram torturados por investigadores da polícia civil e membros da Polícia Militar do Estado. O parlamentar esteve na cidade de Brasília, onde os trabalhadores se encontram detidos. Segundo o deputado Bezerra, Pedro Vidal de Araujo, Miguel Luiz de Souza, Raimundo Nascimento e Euclydes de Souza receberam murros e pontapés dos policiais e um deles foi torturado com uma palmatória. O deputado disse que os torturadores enfiaram uma faca sob a unha de Raimundo exigindo que ele confessasse os nomes de outros envolvidos no crime. Ainda de acordo com o seu relato, os trabalhadores lhe contaram que algemados e de cuecas, foram obrigados a rolar no capim. As mesmas denúncias foram também telegrafadas ao Ministro da Justiça.

Por outro lado, o secretário de Segurança do Acre anunciou que vai processar quem disser que os trabalhadores rurais foram torturados por policiais. De acordo com ele, os presos estão sendo bem tratados.

Fonte: O Estado de São Paulo



## A MORTE DE SOMOZA (cont)

Sendo as 10;10 aproximadamente, do dia 17 do corrente, Somoza, seu motorista e o economista norteamericano Joseph Beittiner, saíram da mansão do ex-presidente da Nicarágua num carro Mercedes Benz 80, seguindo pela rua General Genes e continuando pela avenida Espanha. Pouco depois viraram à direita para entrar na rua América. Nesse momento, uma camioneta azul que vinha atrás do carro de escolta (um Ford Falcon com três guarda-costas) acercou-se e do seu interior dois indivíduos mascarados começaram a atirar com metralhadoras contra o ex-presidente. Quase que ao mesmo tempo, de uma casa próxima foi disparado um foguete de bazuca (arma anti-tanque) que atingiu o Mercedes Benz de Somoza destroçando-o. O motorista voou uns dez metros pela violência da explosão, e Somoza e Beittiner ficaram presos entre os restos do carro. Houve um tiroteio entre os ocupantes da camioneta e os guarda-costas, mas aqueles conseguiram fugir. Os homens que estavam na casa (ao que parece dois) saíram correndo e escaparam depois num carro. Segundo testemunhas, um outro indivíduo teria filmado toda a ação com uma câmera e posteriormente também fugiu, juntando-se aos outros. Vinte minutos depois chegaram ao local a polícia e o Ministro do Interior do Paraguai, que inspecionou os restos do carro e de seus ocupantes e ordenou o levantamento dos corpos.

### A POUCOS METROS DA CASA DO PRESIDENTE

A esquina onde aconteceu a emboscada, fica a duas quadras da casa do presidente do Paraguai, o general Stroessner, e perto do predio onde funciona o Ministério da Defesa, o que causou uma grande mobilização de efetivos do exército e da polícia de Asunción (capital do país). A explosão foi muito violenta e alarmou a toda a vizinhança, que saiu à rua, provocando uma grande confusão.

### "COMANDO ESTRANGEIRO"

As informações sobre os autores e os motivos da morte de Somoza são, até o fechamento desta edição, muito confusas. Al

gumas testemunhas declararam ter a impressão de que os autores do atentado pareciam estrangeiros, mesmo porque no momento da fuga chegaram a falar algumas palavras a um engenheiro, de quem pegaram o carro para escapar do lugar. Segundo o dono do carro, eles teriam falado com um sotaque típico dos argentinos ou dos uruguaios. Além disso, o Ministério do Interior do Paraguai divulgou uma nota oficial assinalando que os autores seriam militantes da organização Exército Revolucionário do Povo (ERP) da Argentina. A televisão paraguaia passou a mostrar de meia em meia hora as fotos de um casal de argentinos, suspeitos de pertencerem ao ERP e de ter participado do atentado contra Somoza.

Analistas políticos e jornalistas não descartaram no entanto, a possibilidade de o atentado ter sido praticado por membros da ex-Guarda Nacional de Somoza, descontentes com a fuga do ex-presidente quando da revolução sandinista. E não falta quem aponte a possibilidade de um ajuste de contas de traficantes de armas internacionais e mercenários que lutaram ao lado de Somoza na Nicarágua, e que nunca receberam o pagamento prometido. De todos os modos, a única coisa que parece clara no momento, é a morte de Anastasio Somoza, o ex-homem forte da Nicarágua, que uns dias antes do atentado havia declarado a uma revista alemã: "Estou cheio de vigor e de espírito de luta. Eu reconquistarei a Nicarágua".

### PREOCUPAÇÃO

Segundo informes que chegam do Paraguai, mais de 200 pessoas têm sido detidas e estão sendo submetidas a interrogatórios. A oposição ao governo do general Stroessner teme que o atentado contra Somoza possa vir a se converter em pretexto para desencadear uma grande repressão contra os setores que vêm exigindo a democratização do país há vários anos. O aeroporto internacional do Paraguai e as fronteiras continuavam fechados até as últimas horas do dia 19/9. Maiores informações, no próximo número.

Fontes: O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo (18-19/9/80)